

## A INCLUSÃO DE UM ALUNO COM DEFICIÊNCIA FÍSICA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Fabiana Zanol Araujo<sup>101</sup>  
 Michell Pedruzzi Mendes Araújo<sup>102</sup>  
 Vilmara Mendes Gonring<sup>103</sup>

**Resumo:** O presente trabalho tem por objetivo incluir a criança com deficiência física nas aulas de Educação Física, na turma da 5ª série, em uma escola da Prefeitura Municipal de Vitória. Em termos de cultura corporal, torna-se óbvio que a Educação Física precisa conhecer e considerar, com frequência, a vasta diferença entre as pessoas. Para fundamentar nossa pesquisa, utilizamos a perspectiva sócio-histórica. A metodologia utilizada inseriu-se no enfoque da pesquisa qualitativa, com natureza investigativa e interventiva, e a criança com deficiência tornou-se sujeito da ação e beneficiária dela. As aulas foram pensadas a partir da fala da criança com deficiência física, que demonstrou um interesse muito grande em estar inserida nas aulas. Como resultados, destacamos que a inclusão nas aulas de educação física permite que os sujeitos se tornem produtores de cultura, por meio da mediação do outro. Além disso, destacamos que os sujeitos com deficiência, mesmo que não exerçam alguns movimentos, devem ter acesso às aulas de educação física para aprenderem e desenvolverem suas potencialidades.

**Palavras-Chave:** Educação Física. Inclusão. Deficiência física.

**Abstract:** This paper aims to include children with physical disabilities in physical education classes in 5th grade class in a school of the City of Victoria. In terms of body culture, it becomes obvious that physical education needs to know and consider often a vast difference between people. To support our research, we used the socio-historical perspective. The methodology used was part of the focus of qualitative research with investigative and interventional nature, and children with disabilities has become subject of the action and her beneficiary. The classes were designed from the speech of children with physical disabilities who showed great interest in being included in the lessons. The results showed that inclusion in physical education classes allows individuals to become producers of culture, through the mediation of another.

**Keywords:** Physical education. Inclusion. Physical disability.

### EDUCAÇÃO FÍSICA E DEFICIÊNCIA FÍSICA

No passado, confirma-se a exclusão dos corpos deficientes, historicamente renegados, inferiorizados, subestimados, estigmatizados por décadas. No presente, evidencia-se a eficiência desses corpos a partir do momento em que lhes são dadas oportunidades de participação. No futuro, presumim-se corpos diferentes, respeitados em sua complexidade, compreendidos como seres humanos que, em sua totalidade, pensam, sentem, aprendem,

---

<sup>101</sup> Pesquisadora do GEPEI/PPGE/CE/UFES. Graduada em Educação Física. Professora da rede municipal de Vitória/ES.fabianazanol@terra.com.br

<sup>102</sup> Mestre em Educação pela UFES/PPGE/CE. Especialista em Educação Inclusiva e em Gestão Escolar. Licenciado em Ciências biológicas pela UFES. Professor de Biologia/Ciências da rede Estadual do Espírito Santo e da rede privada. Pesquisador do GEPEI/PPGE/CE/UFES.michellpedruzzi@yahoo.com.br

<sup>103</sup> Mestre em Educação pela UFES/PPGE/CE. Pedagoga da rede Estadual do Espírito Santo. Licenciada em Pedagogia. Pesquisadora do GEPEI/PPGE/CE/UFES.vilmaramendes@yahoo.com.br

deslocam-se através do movimento no tempo e no espaço com uma intenção, vivem a própria história em busca da superação, transcendendo a cada oportunidade vivida. (RECHINELI *et al.*, 2008, p.12).<sup>104</sup>

Com frequência, observa-se que a Educação Física, ao mesmo tempo em que qualifica, é rica em considerar as preferências daqueles alunos que possuem melhores habilidades motoras, através da seleção dos mais habilidosos. Com isso, reforçam-se a apatia e o desânimo dos alunos menos expressivos e com deficiência, como aqueles com deficiência física. Esses são sempre discriminados, deixados de lado, ou muitas vezes, levados a ceder seu lugar na quadra, pela falta de domínio das habilidades motoras, e por não ter voz e vez nas aulas.

A motivação para realizar essa pesquisa se deu a partir da observação das aulas de educação física em uma escola de ensino fundamental da rede pública municipal de Vitória. Observamos que o aluno interagiu nas aulas, mas não era um sujeito ativo do processo de aprendizagem e desenvolvimento. Com o objetivo de tornar as aulas de educação física acessíveis ao aluno com deficiência física, de uma forma exitosa, passamos a (re)pensar, juntamente com a professora regente de educação física, em novas práticas pedagógicas.

A relevância desta pesquisa, nesse contexto, é gerar a oportunidade de contribuir para o avanço qualitativo do ensino, fornecendo-se subsídios para uma reflexão de inclusão na Educação Física Escolar. Nesse sentido, o presente trabalho se justifica pela real necessidade de tornar a disciplina educação física acessível a todos os alunos que estão presentes na escola comum, principalmente àqueles que apresentam deficiência física. Além disso, pretendemos com esse trabalho anunciar boas práticas na área da inclusão direcionadas aos deficientes físicos que sejam norteadoras de futuros trabalhos.

Para tanto, iniciamos o texto com a definição de deficiência física e em seguida abordaremos a Educação Física adaptada em sua trajetória sócio-histórica, seguindo para discutir a relação da deficiência física com seus corpos diferentes e eficientes na Educação Física escolar, chegando às tecituras finais.

---

<sup>104</sup> RECHINELI, A.; PORTO, E. T. R.; MOREIRA, W. W. **Corpos deficientes, eficientes e diferentes: uma visão a partir da Educação Física**. Revista Brasileira de Educação Especial 14(2): 293-310, maio-agosto 2008.

## A DEFICIÊNCIA E SEU CARÁTER HISTÓRICO-CULTURAL

A deficiência foi cultuada pela modernidade como uma causa biológica irreversível, ou seja, a pessoa nasce com a falta de algum sentido, habilidade ou órgão, o que a impedirá de se desenvolver e aprender conforme uma perspectiva determinista do desenvolvimento humano (KASSAR, 1999)<sup>105</sup>. Os alunos com deficiência são, insistentemente, compreendidos como incapazes de aprender como os alunos ditos “normais”.

Vigotski (1997)<sup>106</sup> apresenta a problemática da prática da escola de educação especial que isola, cada vez mais, a criança das experiências coletivas e das relações diferentes. Tais escolas construíram um mundo à parte para os deficientes, mas que servem apenas para confirmar a ideia de que não se deve conviver em conjunto das pessoas com necessidades especiais. Ele compreende a escola com seu modo de vida escolar próprio, com professores especializados e conscientes de um processo diferente, que nem por isso limita as crianças em suas próprias dificuldades.

Ainda para Vigotski, “os processos humanos têm gênese nas relações sociais e devem ser compreendidas em seu caráter histórico-cultural. O homem significa o mundo e a si próprio, não de forma direta, mas por meio da experiência social. Sua compreensão da realidade e seus modos de agir são mediados pelo outro, por signos e instrumentos, isto é, são constituídos pela mediação social semiótica. Vigotski (1997)<sup>107</sup>, afirma que “não só a criança assimila a produção cultural e se enriquece com ela, como a própria cultura reelabora em profundidade a composição natural de sua conduta e dá uma orientação nova ao curso do desenvolvimento”. Nesse sentido, o processo de Inclusão na Escola e nas aulas de Educação Física deve reconhecer que a criança, independente de características físicas, mentais e biológicas, possui potencialidades infindáveis, são capazes de aprender e de ensinar, ou seja, de produzir cultura.

---

<sup>105</sup> KASSAR, M. C. M. Matrículas de crianças com necessidades educacionais especiais na rede de ensino regular: do que e de quem se fala? In GÓES, M. C. R. e LAPLANE, A. L.F. **Políticas e práticas de educação inclusiva**. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.p. 49-68.

<sup>106</sup> VIGOTSKI, L. S. **Fundamentos de defectologia**. Havana: Editorial Pueblo e Educación. 1997

<sup>107</sup> VIGOTSKI, L. S. **Fundamentos de defectologia**. Havana: Editorial Pueblo e Educación. 1997

Quando se pensa em práticas pedagógicas em relação às interações sociais, não é desconsiderar as diferenças, mas é fazer com que essas diferenças sejam consideradas como molas para outras possibilidades. A partir das diferenças devemos pensar em novas ferramentas de aprendizagem, com o mesmo currículo, porém de forma flexível, heterogêneo, que leve em consideração as diferenças do sujeito no sentido de potencializar esse currículo.

A escola inclusiva precisa se perceber como um espaço onde os sujeitos com deficiência sejam ouvidos, pois segundo Kassar (2006, p. 120)<sup>108</sup> pouco se tem registrado a respeito do que pensam as pessoas que vivem ou viveram esses processos. Ouvir o que eles têm a dizer sobre a escola, possibilita aos professores a inquietação e a reflexão sobre as suas práticas pedagógicas.

Isto posto, esta pesquisa tem como objetivo geral investigar e compreender as relações de um sujeito com deficiência física no ambiente escolar e nas aulas de educação física. Nesse sentido buscamos como objetivos específicos, discutir o papel da Educação Física Escolar, no que se refere à participação das crianças com deficiência física nas aulas de Educação Física e refletir sobre os desafios e possibilidades do protagonismo das crianças com deficiência física nas aulas de Educação Física. Desta forma, investigaremos de que forma a presença de crianças com deficiência física contribui para o avanço da Educação Física e da Educação Inclusiva.

## **A PESQUISA-AÇÃO COMO PROPOSTA METODOLÓGICA**

A investigação com finalidades científicas tem na pesquisa sua mais eficiente ferramenta de produção de respostas aos problemas que surgem em uma dada realidade. Tomada num sentido mais amplo, é toda atividade voltada para a solução de problemas. Como atividade de busca, indagação, investigação, inquirição da realidade, é a atividade que vai nos permitir no âmbito da ciência, elaborar um conhecimento que nos auxilie na compreensão dessa realidade e nos oriente em nossas ações (PÁDUA, 2000).<sup>109</sup>

---

<sup>108</sup> KASSAR, M. C. M. Matrículas de crianças com necessidades educacionais especiais na rede de ensino regular: do que e de quem se fala? In GÓES, M. C. R. e LAPLANE, A. L.F. **Políticas e práticas de educação inclusiva**. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.p. 49-68.

<sup>109</sup> PÁDUA, E. **Metodologia da Pesquisa: Abordagem Teórico-Prática**. Ed. Papirus, 2000.

Nesse sentido, entendemos que a metodologia que melhor permite o alcance dos objetivos já elencados, anteriormente, é a pesquisa-ação. Isso porque entendemos que a pesquisa-ação se constitui como um instrumento metodológico importante para colocar em colaboração o praticante e o pesquisador na implementação de ações didático-pedagógicas que possam fazer frente ao processo de inclusão de crianças com deficiência física nas aulas de Educação Física.

Autores como Abreu<sup>110</sup> (apud CRUZ, 2005) e Chicon (2005)<sup>111</sup>, reconhecem a pesquisa-ação como adequada para o processo de mudanças nas práticas pedagógicas de professores de Educação Física, ao perceberem seu potencial no levantamento de demandas docentes e discentes e nos procedimentos que visam atendê-las na busca por um avanço no cotidiano escolar. Entretanto, para que os objetivos não sejam derivados, é necessário manter um planejamento com ações não necessariamente definidas, porém claras.

Ao buscar uma compreensão da escola e, em nosso caso específico, crianças com deficiência física nas aulas de Educação Física, pretendemos reconhecer que os professores, mais que reprodutores de uma cultura e de um conhecimento hegemônico, são produtores ativos de conhecimento e culturas. Pretendemos, também, reconhecer as crianças com deficiência como sujeito de direitos e produtoras de cultura, seres sociais que têm protagonismo no processo de construção/apropriação desses conhecimentos e dessas culturas.

Compreendemos, portanto, que o processo de aprendizagem nas aulas de Educação Física, por parte de seus praticantes, com e sem deficiência, apresenta o espaço-tempo de produção do conhecimento, como um lugar de construção e inventividade, em que se estabelecem possibilidades de criações individuais e, sobretudo, coletivas. Nessa perspectiva, o professor e as crianças são valorizados na condição de protagonistas do processo educativo.

Por isso é mais fértil produzir do que coletar dados e isso implica, para o pesquisador, fazer parte da aula, ser cúmplice, pois os praticantes, mais do que

---

<sup>110</sup> ABREU, J. R. G. **Inclusão na Educação Física Escolar: Abrindo Novas Trilhas**. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, da Universidade Federal do Espírito Santo, 2011.

<sup>111</sup> CHICON, J. F. **Inclusão na Educação física escolar: construindo caminhos**. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de pós- Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.

objeto de análise, são sujeitos protagonistas, atores e, também, autores das pesquisas (FERRAÇO, 2006; ALVES, 2008 apud KLIPPEL, 2013).<sup>112</sup>

Para a produção de dados, realizamos entrevistas semiestruturadas, observação participante com a sistematização em diário de campo, com documentos pedagógicos e registros icnográficos em uma escola pública de ensino fundamental.

Kramer (*apud* Klippel, 2011, p. 391)<sup>113</sup> nos incentiva a enfrentar o desafio de pesquisar com as crianças no contexto concreto de intervenção pedagógica. Nesse sentido, destaca também que esse olhar sensível deve estar focado para “[...] entender a linguagem para além do pronunciado, compreender significados do corpo e seus movimentos”.

Nesse sentido, temos em mente que pensar em outras metodologias para pesquisar o protagonismo de crianças com deficiência nas aulas de Educação Física, pressupõe compreender/reconhecer a linguagem corporal como uma dimensão importante e fundamental dessas crianças em sua relação com o mundo.

## **PARALISIA CEREBRAL - (DE)EFICIÊNCIA MOTORA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

O sujeito do nosso estudo possui deficiência física, ocasionada por uma paralisia cerebral. Nesse sentido, vale trazer à tona algumas particularidades da deficiência física e da paralisia cerebral.

Nesse contexto, podemos definir a deficiência física como uma alteração completa ou parcial de um ou mais segmentos do corpo humano, acarretando o comprometimento da função física, apresentando-se sob a forma de paraplegia, paraparesia, monoplegia, monoparesia, tetraplegia, tetraparesia, triplegia, triparesia, hemiplegia, hemiparesia, ostomia, amputação ou ausência de membro, paralisia cerebral, nanismo, membros com deformidade congênita ou adquirida, exceto as

---

<sup>112</sup> KLIPPEL, M. V. **O jogo na Educação Física Infantil: usos e apropriações em uma CMEI de Vitória/ES.** Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, da Universidade Federal do Espírito Santo, 2013.

<sup>113</sup> KLIPPEL, M. V. **O jogo na Educação Física Infantil: usos e apropriações em uma CMEI de Vitória/ES.** Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, da Universidade Federal do Espírito Santo, 2013.

deformidades estéticas e as que não produzam dificuldades para o desempenho de funções (BRASIL, 2004).<sup>114</sup>

Nesse mesmo caminho, cabe dizer que a deficiência física se refere ao comprometimento do aparelho locomotor que compreende o sistema Osteoarticular, o Sistema Muscular e o Sistema Nervoso. As doenças ou lesões que afetam qualquer desses sistemas, isoladamente ou em conjunto, podem produzir grandes limitações físicas de grau e gravidades variáveis, segundo os segmentos corporais afetados e o tipo de lesão ocorrida (BRASIL, 2004; 2006).<sup>115</sup>

Existem muitas pessoas com deficiência física no mundo. No Brasil, de acordo com o Censo de 2010 (IBGE, 2010)<sup>116</sup>, existem 13.265.599 indivíduos com algum tipo de deficiência motora. Isso representa aproximadamente, em percentual, 7% da população brasileira. A tendência é aumentar esse número devido aos numerosos acidentes, de trânsito principalmente, e à violência que assolam o país.

Dentre as causas da deficiência física, abordaremos a paralisia cerebral, pois a nossa experiência na escola comum foi com um aluno deficiente físico cadeirante com grande limitação de movimentos, oriundos da paralisia cerebral ocorrida no seu nascimento.

De acordo com Fischinger (1970)<sup>117</sup>, a paralisia cerebral é um distúrbio sensorial e senso-motor causado por uma lesão cerebral, a qual perturba o desenvolvimento normal do cérebro. Lesão provocada, muitas vezes, pela falta de oxigenação das células cerebrais. Pode acontecer durante a gestação, durante o parto ou após o nascimento, ainda no processo de amadurecimento do cérebro da criança.

---

<sup>114</sup> BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. **A inclusão escolar de alunos com necessidades educacionais especiais DEFICIÊNCIA FÍSICA**. Brasília – DF: 2004.

<sup>115</sup> BRASIL. Ministério da Educação. Educação, Secretaria de Educação Especial. **Formação Continuada a Distância de Professores para o Atendimento Educacional Especializado**. Brasília – DF: 2006.

<sup>116</sup> IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em:<<http://7a12.ibge.gov.br/vamos-conhecer-o-brasil/nossopovo/caracteristicas-da-populacao>>. Acesso em 22 de março de 2014.

<sup>117</sup> FISCHINGER, B. S. **Considerações sobre a Paralisia Cerebral e o Seu Tratamento**. Edição Sulina, 1970, Porto Alegre.

Em relação às crianças com deficiência motora, Corrêa, Costa e Fernandes (2004)<sup>118</sup> afirmam que, geralmente, não são oferecidas atividades motoras com frequência no dia a dia dessas crianças e, quando o são, estão revestidas de preconceitos que limitam a ação, antes mesmo da experimentação. A carência de experiências motoras poderá prejudicar a construção do esquema corporal e desencadear um déficit no desenvolvimento global dessas crianças. Provavelmente, o que ocorreu com o aluno ao qual nos referimos no trabalho, foi que ele não deve ter recebido estímulos para melhorar o seu desenvolvimento motor e por isso, os seus movimentos são muito limitados e sua dicção também é comprometida. Assim, como crianças neurologicamente normais, as crianças com PC são influenciadas pelas restrições do organismo (funcionais e/ou estruturais) que, isoladamente ou em conjunto, afetam as aquisições psicomotoras.

A partir do momento que o referido aluno começou a fazer parte da nossa escola, primeiramente pensamos no acesso para esse aluno, onde a organização escolar, e parte estrutural da escola, foram modificadas, com rampas, corrimão e banheiros para cadeirantes. Nesse contexto, alicerçamo-nos nos pressupostos teóricos da perspectiva sócio-histórica utilizando a metodologia pesquisa-ação para re(pensar) nossas práticas.

Em seguida, repensamos as nossas práticas pedagógicas para que esse aluno pudesse se apropriar do conhecimento, porém, para nas aulas de Educação Física encontramos maior dificuldade. Como fazer com que esse aluno se apropriasse da cultura corporal de movimento se o mesmo quase não se movimentava?

Nesse sentido, fomos buscar respostas para fazer com que o nosso aluno com lesão cerebral fizesse parte também das aulas de Educação Física. Fazer parte no sentido integral, ou seja, de modo que o nosso aluno, realmente, se sentisse como ser pertencente àquele local, um sujeito ativo que pode brincar, correr, jogar futebol de uma forma bem peculiar, adaptada... Mas esse sujeito PODE!

Segundo VICTOR; DRAGO; PANTALEÃO apud CARMO (2002)<sup>119</sup>, esse crescimento inclusivo nas escolas, tem deixado professores e gestores confusos ou

---

<sup>118</sup> CORRÊA, F. I.; COSTA, T. T.; FERNANDES, M. V. Estudo da imagem e esquema corporal de crianças portadoras de paralisia cerebral do tipo tetraparética espástica. **Revista Brasileira de Fisioterapia**, São Carlos, v. 5, n.2, mar/abr., p. 131-135, 2004.

tendo que buscar, cada vez mais, respostas de como atender no mesmo espaço – tempo crianças que apresentam diferentes habilidades, diferentes comportamentos e diferentes histórias de vida. “Estamos falando das diferenças concretas existentes entre os homens, que sempre existiram, porém foram negadas ou desconsideradas pela grande maioria dos educadores” (CARMO, 2002, p.125).

Ao problematizar sobre os desafios e tensões vividos pelos profissionais da educação no que diz respeito às práticas pedagógicas, Gonring (2014)<sup>120</sup>, nos diz que

[...] apesar de observarmos práticas que subestimam o potencial da criança com deficiência, ela precisa se tornar visível sobre o olhar de que a aprendizagem ocorre ao longo da vida, já que essa criança vai se constituindo na relação que estabelece com o outro e pelos processos de mediação e nas oportunidades que ela tem de aprendizagem. É preciso entender, portanto, que a diferença não é um impeditivo de aprendizagem, mas sim uma potência (GONRING, 2014, p. 59).

Para a autora, havendo reflexões sobre esse modo de conceber a criança com necessidades especiais, causadas por uma deficiência, por certo, deverão ocorrer transformações de ordem pedagógica, mas também de nível organizacional em toda a escola (GONRING, 2014). Nós, professores, buscamos meios de nos informarmos sobre as características de cada um dos alunos, com ou sem deficiência, objetivando a compreensão de suas peculiaridades, potencialidades, necessidades e, assim, ajudá-los de forma significativa.

Nas nossas aulas de educação física, começamos a realizar uma intervenção, tendo como base a pesquisa-ação. Como estávamos organizando uma apresentação cultural (um musical- FOTO 1) na escola, aproveitamos a oportunidade e planejamos junto com a equipe pedagógica, uma atividade que proporcionasse a participação de todos os alunos. Montamos uma coreografia onde o aluno com deficiência participou utilizando a cadeira de rodas como parte da dança.

Percebemos, nessa ação, um grande movimento para a inclusão escolar de alunos com deficiência. Neste sentido, Gonring (2014)<sup>121</sup> salienta a importância do trabalho colaborativo quando nos diz que

---

<sup>119</sup> CARMO, A. A. do. Inclusão escolar e a educação física: que movimentos são estes? *Revista Integração*, Brasília, ano 14, p.6-13, mar. 2002. Edição especial: Educação Física Adaptada

O trabalho colaborativo configura-se em uma ação pedagógica que aproxima as ações da sala de aula comum dos serviços de apoio especializado. Além disso, permite a troca de experiências e a articulação dos saberes e experiências dos profissionais envolvidos no processo. A colaboração pode sinalizar a criação de estratégias de ensino que beneficiem todas as crianças, pois, por meio da ação coletiva e reflexiva, várias ideias surgem, projetos emergem, aguçando a criatividade de alunos e professores na construção de novos possíveis (GONRING, 2014, p. 82).

Pensar em outras metodologias para inserir as crianças com deficiência nas aulas de Educação Física pressupõe compreender/reconhecer a linguagem corporal como uma dimensão importante e fundamental dessas crianças em sua relação com o mundo.

A partir desta apresentação, buscamos inserir o aluno com deficiência, ainda mais, nas aulas de Educação Física. Passamos a ouvir os alunos e juntos planejamos as melhores estratégias para tornar as aulas mais dinâmicas e inclusivas. Nesse sentido, nossa intervenção foi pautada nos princípios da coletividade, entendendo um ser subjetivo a partir do contexto social em que ele está inserido.

Com relação à escola, entendemos que para dar conta da diversidade humana, ela precisa romper com os pressupostos que padronizam e que buscam mensurar os estudantes a partir de comportamentos, aprendizagens e atitudes que não permitem que cada sujeito expresse os modos que utiliza para significar a si, seus pares e as relações que estabelece com o mundo.

Em outros momentos das aulas, onde o conteúdo era futebol, pensamos na participação do nosso aluno cadeirante, pois o mesmo se identificava muito com o esporte, gostava de assistir a jogos e torcer. Para isso, contamos com a participação do estagiário. Decidimos que o aluno deficiente iria participar do jogo. Para que isso acontecesse, tiramos o aluno da cadeira e o estagiário o segurou em pé, amarramos os pés e pernas direitas e esquerdas dos dois, fazendo com que os dois se movimentassem juntos (FOTO 2). Nesse sentido, entendemos que “devido à plasticidade do desenvolvimento a mesma deficiência considerada limitadora pode

---

<sup>120</sup>GONRING, V. M. **A criança com Síndrome de Asperger na educação Infantil**: um estudo de caso. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

<sup>121</sup>GONRING, V. M. **A criança com Síndrome de Asperger na educação Infantil**: um estudo de caso. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

dar condições - desde que o meio social se organize para tal - aos sujeitos para encontrarem alternativas para sua superação” (VIGOTSKI, 1995; 2004 apud MAGALHÃES, 2011, p.100)<sup>122</sup>.

Como podemos perceber, existiam muitos movimentos e tentativas de inclusão nas aulas de Educação Física. O diálogo possibilitava a compreensão e a interação entre alunos, professores e estagiários. O fato de conversarmos com os alunos e explicarmos as necessidades do colega com deficiência permitia que o grupo compreendesse seus movimentos, que sinalizam a possibilidade do aprendizado sobre a diferença humana e a interação entre os sujeitos, sem desmerecer as singularidades que atravessam o processo.

Nesse mesmo caminho, ao considerarmos as intrínsecas mediações simbióticas que ocorrem nos diversos meios sociais e culturais, cabe destacar a fala de Magalhães. Para a autora,

a obra de Vigotski concebe que o homem se constitui socialmente pela mediação. A interação social permite a criança se apropriar dos significados culturais e a mediação do outro (representante da cultura) é fundamental na medida em que este significa os dados de realidade que serão apropriados de forma criativa pela criança em desenvolvimento. Neste sentido, as funções psicológicas aparecem inicialmente em um nível social, para posteriormente serem individualizadas, ou seja, o intersubjetivo pressupõe o intrassubjetivo (MAGALHÃES, 2011, p.95).

---

<sup>122</sup> MAGALHÃES, R. de C. B. P. **Educação inclusiva e escolarização**: política e formação docente. Brasília: Líber Livro, 2011.



**FOTO 1:** ALUNO COM DEFICIÊNCIA FÍSICA NO MUSICAL<sup>123</sup>

Por isso, é fundamental que todos os alunos, com deficiência ou não, façam parte, efetivamente, do grupo no qual estão inseridos. Inserir os alunos com deficiência nas aulas nos auxilia na construção do conhecimento, onde tanto o aluno com deficiência quanto os outros alunos da turma são beneficiados, pois ocorre, durante o processo de ensino, uma troca de conhecimentos onde acontece a aprendizagem e o desenvolvimento de todas as partes.

---

<sup>123</sup> Imagem autorizada pelo responsável.



**FOTO 2:** NOSSO ALUNO COM DEFICIÊNCIA FÍSICA JOGANDO FUTEBOL.<sup>124</sup>

### **ALGUMAS TECITURAS**

A partir da pesquisa realizada na escola comum com um aluno com deficiência física, e de nossas leituras sobre o processo de inclusão das pessoas com deficiência, cabe destacar algumas tecituras. Essas são algumas possibilidades, provocações, bases fundamentais para outros estudos, outras redes que poderão ser tecidas pelo leitor desse trabalho. Não constituem, portanto, ‘fórmulas prontas’, engessamentos e cristalizações.

Nesse contexto, cabe destacar que ao recebermos alunos com deficiência física na escola, devemos, primeiramente, conhecer esse aluno, saber qual é a sua história, os professores envolvidos devem repensar suas concepções acerca de:

[...] sujeito, de mundo, de sociedade, de deficiência, de eficiência, de desenvolvimento e aprendizagem, para poder conhecer mais e melhor sobre as características de crianças e jovens que da escola

<sup>124</sup> Imagem autorizada pelo responsável.

esperam um papel crucial no desenvolvimento cognitivo em todas as esferas do simbólico (PADILHA, 2005, p.133)<sup>125</sup>.

É tarefa da Educação Física escolar, entendida como área do conhecimento da cultura corporal do movimento, garantir o acesso dos alunos às práticas da cultura corporal, contribuir para a construção de um estilo pessoal de realizar e oferecer instrumentos para serem apreciadas criticamente.

Apesar das limitações do nosso aluno, buscamos trazer benefícios, tanto para ele quanto para a turma, durante as aulas, fazendo com que todos se apropriem do conhecimento. Ao dialogarmos com a turma sobre o relacionamento entre eles e as mudanças que aconteceram nas aulas devido à permanência de um aluno deficiente, percebemos um avanço qualitativo em relação à inclusão. Nesse sentido, cabe destacar que observamos nosso aluno para além da deficiência, potencializando novas práticas e não cristalizando/engessando os fazeres e os pensares.

Como resultado dessa pesquisa, em relação ao processo de aprendizagem e desenvolvimento do aluno com deficiência, houve uma melhoria significativa na internalização da cultura corporal de movimento, sendo que, nas aulas de educação física, a participação e o diálogo são elementos fundamentais. Percebemos que o aluno se sente mais motivado para participar das aulas e interage mais com os colegas. Ao utilizarmos as botas nas aulas de futebol, percebemos que o sujeito da pesquisa sente uma 'liberdade' que nunca havia sentido nas aulas de educação física. Sente-se pertencente, integralmente, àquele local.

A partir do momento em que foi dada a oportunidade para o aluno participar, fisicamente, das aulas, percebemos a riqueza de conhecimentos que obtivemos. Criamos, coletivamente, meios adaptativos para que fosse cumprida a participação de todos os alunos, a reflexão concreta e efetiva e o desenvolvimento das potencialidades, respeitando cada indivíduo no grupo, em suas riquezas e limitações. Nesse contexto, enxergamos as pessoas com ou sem deficiência na escola comum para além de seus déficits orgânicos, os vislumbramos como sujeitos sociais e culturais, que são entidades ativas no processo de construção da cultura e da história.

---

<sup>125</sup> PADILHA, A. M. L. Necessidade especial do trabalho educativo geral ou necessidades educativas especiais? In: JESUS, D. M. de; BAPTISTA, C. R.; VICTOR, S. L. (Org.). **Pesquisa e educação especial: mapeando produções**. Vitória: EDUFES, 2005. P. 125-138

Em suma, destacamos que os sujeitos nas escolas, nas classes, nas quadras devem ser enxergados em suas incompletudes. Assim, nenhum ser humano é uma obra inacabada e perfeita. Todos possuem suas limitações, algumas certamente mais severas, mais 'limitadoras', no entanto, as restrições físicas, biológicas (fenotípicas, genotípicas) não devem ser anuladoras, e sim potencializadoras. Nossas práticas na escola comum devem levar nosso aluno a entender qual será o mecanismo de compensação do defeito, como diria Vigotski (1995; 2004)<sup>126</sup>. Podemos e devemos ensinar o caminho a ser trilhado, devemos potencializar os sujeitos e não anulá-los em seus déficits orgânicos.

Por fim, cabe destacar que os sujeitos com deficiência em inúmeros contextos, são marcados social e culturalmente como aqueles que não podem/ aqueles que não fazem, ou seja, são vistos como 'incapazes'/ 'coitados' que devem ser cuidados, justamente por nomenclaturas associadas a eles. Em razão disso, acabam "funcionando" em um nível intelectual muito mais baixo do que o fariam, se os OUTROS lhes tivessem ensinado ou apenas, acreditado que eles são capazes de fazer (ARAÚJO, 2014)<sup>127</sup>. Nosso dever como profissionais da educação é superar esse estigma do incapaz que está enraizado nas nossas escolas. Como podemos fazer isso? Em poucas palavras... Planejando nossas ações e, principalmente, enxergando todo ser humano em suas dimensões biológica, social e cultural.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, J. R. G. **Inclusão na Educação Física Escolar: Abrindo Novas Trilhas**. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, da Universidade Federal do Espírito Santo, 2011.

ARAÚJO, M. P. M. **Para além do biológico, o sujeito com a Síndrome de Klinefelter**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. **A inclusão escolar de alunos com necessidades educacionais especiais DEFICIÊNCIA FÍSICA**. Brasília – DF: 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Educação, Secretaria de Educação Especial. **Formação Continuada a Distância de Professores para o Atendimento Educacional Especializado**. Brasília – DF: 2006.

---

<sup>126</sup> VIGOTSKI, L. S. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2004.

<sup>127</sup> ARAÚJO, M. P. M. **Para além do biológico, o sujeito com a Síndrome de Klinefelter**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

CARMO, A. A. do. Inclusão escolar e a educação física: que movimentos são estes? **Revista Integração**, Brasília, ano 14, p.6-13, mar. 2002. Edição especial: Educação Física Adaptada.

CHICON, J. F. **Inclusão na Educação física escolar: construindo caminhos**. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de pós- Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.

CORRÊA, F. I; COSTA, T. T.; FERNANDES, M. V. Estudo da imagem e esquema corporal de crianças portadoras de paralisia cerebral do tipo tetraparética espástica. **Revista Brasileira de Fisioterapia**, São Carlos, v. 5, n.2, mar/abr., p. 131-135, 2004.

FISCHINGER, B. S. **Considerações sobre a Paralisia Cerebral e o Seu Tratamento**. Edição Sulina, 1970, Porto Alegre.

GONRING, V. M. **A criança com Síndrome de Asperger na educação Infantil: um estudo de caso**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <<http://7a12.ibge.gov.br/vamos-conhecer-o-brasil/nossopovo/caracteristicas-da-populacao>>. Acesso em 22 de março de 2014.

KASSAR, M. C. M. Matrículas de crianças com necessidades educacionais especiais na rede de ensino regular: do que e de quem se fala? In GÓES, M. C. R. e LAPLANE, A. L.F. **Políticas e práticas de educação inclusiva**. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.p. 49-68.

KLIPPEL, M. V. **O jogo na Educação Física Infantil: usos e apropriações em uma CMEI de Vitória/ES**. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, da Universidade Federal do Espírito Santo, 2013.

MAGALHÃES, R. de C. B. P. **Educação inclusiva e escolarização: política e formação docente**. Brasília: Líber Livro, 2011.

PADILHA, A. M. L. Necessidade especial do trabalho educativo geral ou necessidades educativas especiais? In: JESUS, D. M. de; BAPTISTA, C. R.; VICTOR, S. L. (Org.). **Pesquisa e educação especial: mapeando produções**. Vitória: EDUFES, 2005. P. 125-138.

PÁDUA, E. **Metodologia da Pesquisa: Abordagem Teórico-Prática**. Ed. Papyrus, 2000

RECHINELI, A.; PORTO, E. T. R.; MOREIRA, W. W. **Corpos deficientes, eficientes e diferentes: uma visão a partir da Educação Física**. Revista Brasileira de Educação Especial 14(2): 293-310, maio-agosto 2008.

VICTOR, S. L.; DRAGO, R.; PANTALEÃO, E.(ORGS.). **Educação especial: indícios, registros e práticas de inclusão**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

VIGOTSKI. L. S. **Fundamentos de defectologia**. Havana: Editorial Pueblo e Educación. 1997.

VIGOTSKI. L. S. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2004.